

Comissões não têm força

Assim como as comissões permanentes da Câmara, as lideranças dos partidos são 13. Mas, enquanto as comissões dispõem de apenas 13 assessores nomeados em cargos de comissão, as lideranças contam com 463. As comissões têm mais 91 servidores, mas eles pertencem ao quadro efetivo da Casa e, portanto, não podem ser afastados. Nas lideranças, os cargos são de confiança e os funcionários admitidos exclusivamente por indicação de parlamentares, o que ajuda a aumentar a força política do líder.

Com as mudanças sugeridas pela Comissão de Modernização dos Trabalhos Legislativos para o andamento das sessões, os líderes que, até então tinham horário especificado para fazer suas comunicações, agora podem usar toda a sessão para as intervenções.

Na última quinta-feira, o presidente em exercício do Congresso, senador Saldanha Derzi (PRN-MS), teve um desentendimento com o líder do PTB, Gastone Righi (SP), por causa das mudanças no andamento da sessão. Derzi, que

ainda não tinha conhecimento das novas regras, impediu Righi de ocupar o microfone sem fazer a inscrição prévia. O incidente só foi contornado com a chegada do presidente Mauro Benevides (PMDB-CE), que pediu desculpas ao líder.

Enquanto as comissões continuam acomodadas em salas apertadas — a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Narcotráfico funciona numa sala com 16 cadeiras apenas —, as lideranças disputam o aumento do espaço físico. O PT, que até o ano passado tinha um espaço de 151 metros quadrados, conseguiu mais uma sala, contando agora com 180 metros quadrados. O PSDB também ganhou o espaço mais amplo, passando a ocupar duas salas ao lado da presidência do PMDB. O PDC ainda não conseguiu aumentar seu espaço, de apenas 36 metros quadrados. Se pusesse seus 30 funcionários na sala, não havia lugar para todos. Por isso, empresta muitos deles a parlamentares. As lideranças do PMDB, com 436 metros quadrados; do PDS, com 308; do PFL, com 189, são as maiores da Câmara.